



Roteiro para estudo de caso

Sueli: “Toma que o filho é teu”

ENTREVISTADORA: Você mora em São Paulo, tem 44 anos, nasceu em São Paulo, cor branca, religião católica, escolaridade superior, ocupação dona de casa. Mora com o marido e o filho, é casada. O marido é empresário, renda pessoal nenhuma, renda familiar de aproximadamente R\$ 4.000,00, muito variável, é isso? Conte para mim um pouquinho sobre a sua vida reprodutiva. O que você fazia e faz para evitar filhos, como é isso na sua vida?

SUELI: É isso sim. Quanto à minha vida reprodutiva, bem, na verdade, eu menstruei muito cedo (por volta de nove anos) e tinha, como tenho até hoje, um problema hormonal. Aí começou uma séria de tratamentos porque, na realidade, eu queria parar e voltaria com o processo da menstruação por volta de doze/treze anos. Não parou. Por volta de treze para quatorze anos, eu fiz um tratamento hormonal, com a mesma ginecologista. Era uma ginecologista da família e fiz esse tratamento porque eu tinha um desequilíbrio muito grande. Eu tinha ciclos de 44 dias, 28 dias, de 50 dias e, na época, foi feito um tratamento hormonal para ver se regulava. E isso porque não parou. O previsto era parar, o que às vezes acontece e voltar mais tarde. Quando foi para eu casar, eu fiz todo o meu pré-nupcial e perante o meu quadro, que já vinha sendo acompanhado durante muitos anos pela ginecologista e ela falou para mim que não seria adequado tomar pílula, pela minha defasagem hormonal e que ela não recomendava. Então não tomei pílula, então, eu vou fazer o quê? Vamos fazer... Só que eu já tinha vida sexual com meu marido antes do casamento, seguindo tabela. E nisso, eu me casei, também seguindo tabela. E aconteceu, com quatro meses de casada, engravidei do meu primeiro filho. E daí, a tabela caiu por água abaixo. Com o ciclo todo irregular que eu tinha, só tinha mesmo que dar errado ? Não tinha como, tendo possibilidade de não ter relações à vontade e só podia dar errado. Eu tinha ciclos menstruais de 28, 32, 40, 52 dias, quer dizer, só podia dar nisso mesmo. Não há tabela no mundo que funcione! Bem, eu engravidei do primeiro filho que já não era programado, não era hora, mas era o meu primeiro filho. Eu até pensei em tirar meu primeiro filho. Pensei em tirar mas daí todo o processo psicológico que envolve você, na realidade, sabe que não é o momento adequado. Você quer que eu conte toda a situação?

ENTREVISTADORA: Sim, pode falar.

SUELI: Nós estávamos recém casados. O posicionamento... eu estava iniciando minha vida profissional, que eu estava praticamente saindo da faculdade para dar início à promoção do meu rumo. Estava procurando emprego. O meu marido estava numa dúvida profissional muito grande. Mudar de firma, de... mudar de vida. Ele estava com vinte anos de idade e eu dei a maior força para ele, assim: “é a hora! Se você tiver que fazer alguma coisa, esta é a hora. Você vai esperar o que? Envelhecer para sair de uma situação que você não deseja?” Então, ele estava praticamente saindo de uma sociedade para iniciar um novo processo na vida dele e eu a caminho da minha vida profissional e, de repente, pinta uma gravidez. Filhos? É lógico que eu os queria. Sempre os quis. Só não era a hora e, daí, eu pensei em tirar. Eu pensei em tirar. Eu achei que não era a hora. As dúvidas eram muito grandes, o que é que vai acontecer? O que é que vai acontecer na nossa vida daqui para a frente, ? Mas não tive coragem. De jeito maneira, ensaiei um aborto, pedi para não comunicar a família e nasceu meu primeiro filho, por que, eu também pensava muito da mesma maneira que eu, que eu queria ser mãe, eu também tinha muito pé no chão, sabe, que não é só você querer ter um filho. Se você quer ter um filho, como você vai criar esse filho? Então, eu sempre pensei por aí que não basta tê-los e na época que pintou, eu tenho um outro lado meu super feminino que eu sabia que, no dia que eu tivesse um filho, eu abriria mão do que quer que fosse para ficar com meu filho. Então, eu não tenho estrutura emocional para falar: “Eu deixo o meu filho no berçário. Eu até gostaria de ter, mas eu não sou assim. Então, quando apareceu o resultado dessa primeira gravidez, que teria que ser a melhor alegria da minha vida, porque eu sempre pensei que no dia que eu estivesse grávida seria... Sabe? Aquelas coisas de cinema, sabe? Mas não foi! Foi um trauma . Foi um verdadeiro trauma. Foi um caos. E depois tinha mais um posicionamento meu, que eu achava que mulher nenhuma deveria engravidar pelo menos com, antes de um ano de casado, jamais, jamais. É um ano de adaptação. Uma coisa é namorar a pessoa, uma coisa é você se relacionar sexualmente com a pessoa. Outra coisa é você morar sobre o mesmo teto. Muda tudo. Mudam... você vai se adaptar à nova pessoa. Eu mal estava me adaptando a ele e já vinha um outro, sabe, uma outra pessoa que dependeria de nós. Isso era na minha cabeça, assustador e realmente foi uma frustração muito grande. Aquilo que eu sonhei a vida inteira que seria o resultado de uma gravidez, foi uma catástrofe. Mas, enfim, eu segui em frente, não tive coragem de tirar. Nem procurei nada, só falava, só falei, falei, não tive coragem , de maneira nenhuma. E tive meu primeiro filho. Depois desse, continuei sem método anticoncepcional nenhum mesmo por que eu queria amamentar. Daí, veio o processo de amamentação, então, continuei a amamentar.

Olha, eu queria demais amamentar. Queria. Até foi hilário, foi hilário, por que eu não produzia leite eu tive uma sombra de colostro ou coisa parecida. Eu tive realmente o colostro inicial, mas tudo muito fraco eu quis um parto normal, eu queria amamentar.

ENTREVISTADORA: Teve parto normal?

SUELI: Parto normal por opção. Eu queria parto normal. A menos que não desse, é óbvio, mas tudo concorria para isso, graças a Deus, foi parto normal e eu queria amamentar meu filho. Eu queria todo o processo que eu tinha direito. Mas isso porque para mim isso tudo era muito importante. Amamentar meu filho era muito importante. Mas nisso eu não tinha leite o suficiente para amamentar meu filho. Nasceu super bem, super saudável, enorme, tudo bem, uma gestação ótima, um parto maravilhoso: normal, normalíssimo, sem anestesia sem nada, foi maravilhoso. E nisso eu queria amamentar. Aí veio eu tinha um colostro mas eu não tive leite. Só que aí todo mundo falava para mim que não era normal. Eu ficava uma hora e meia amamentando meu filho e todo mundo que já tinha, por que eu fui uma das últimas a engravidar, eu era pratica... Eu era a caçula da turma aí todo mundo chegava para mim e falava: “Olha, tá errado, não é por aí”, sabe, o meu pai inclusive, com secretárias, ele mandava ligar pra mim ... Olha, tem alguma coisa errada. Eu achava que não, que só eu sabia cuidar, só eu sabia o que o meu filho precisava, que eu era super, Deus, que eu era toda toda e não dava ouvido a ninguém e quase matei meu filho de fome. Meu filho chorava de fome, literalmente. Aí, consegui macerar minha mama direita tentando amamentar meu filho e realmente não escutava ninguém. O pediatra também, que era o PHD e eu ligava para ele e eu falava: “Acho que o menino chora é de fome. Ele falava: ” Não, quanto mais você amamentar, mais você produz leite. Se isso fosse verdade, eu seria vaca leiteira. Com certeza absoluta, por que eu ficava uma hora, uma hora e meia com meu filho sugando o meu seio, ao ponto de destruir praticamente um bico meu para alimentar meu filho, por que eu achava que aquilo era certo, que ele ia sugar, que eu ia produzir leite, ai cinco meses depois, minha cunhada teve o primeiro filho dela e dai eu fiquei sabendo exatamente o que é uma mulher que produz leite, que tem leite. Ela apertava o seio, jorrava leite a distância. A menina se sufocava na primeira golfada de leite e eu achava que o que eu tinha era leite. A primeira mamadeira que eu preparei para meu filho, coitado, tomou feito um louco, feito um desesperado, morto de fome. No primeiro mês ele cresceu quase quatro centímetros e se engordou foi por volta de cem gramas. Que daí, foi o meu basta, foi um alerta, que meu primeiro alerta do pediatra, que meu filho realmente chorava de fome, e daí a opção de você passar a fazer mamadeira, que eu não queria. Então, eu preparei 20 mg de leite que ele consumiu feito um alucinado.

ENTREVISTADORA: Num gole só?

SUELI: Um gole só. E continuava chorando. Foi uma loucura. Foi uma loucura. Uma inexperiência total. E teimosa de não querer ouvir, de você achar que está certa, de que você está com a orientação certa. Primeiro eu estava com o pediatra, em supra-sumo. Então você acha que ninguém tá com nada, que você realmente é que está sentindo as coisas, que você que sabe das coisas e foi uma grande burrice na verdade. Tanto é que eu parei de amamentar numa semana, não precisou tomar injeção para secar coisíssima nenhuma uma semana que eu passei a dar a mamadeira para o menino que ele não pegou no seio, o meu seio voltou ao normal. Não tinha nada mesmo. É aquilo que te falei: Se essa teoria quanto mais suga mais produz leite fosse verdade, eu seria o máximo. Realmente não tinha. Aí é uma frustração muito grande também, porque estava tamanho conforto. Você coloca seu filho no peito, é uma coisa, e desinfetar mamadeira, preparar leite, e aí começa a fase: Gases, uma outra fase, o ideal realmente é você amamentar.

ENTREVISTADORA: Nessa época você não trabalhava fora?

SUELI: Não, de que jeito? Quem emprega mulher grávida? Isso era o grande problema. Essa era a grande dúvida. Eu estava no meu início de vida, eu estava saindo de uma faculdade e me casando. E daí, com quatro meses de casada e procurando emprego, eu apareço grávida. Quem vai empregar uma mulher grávida?

ENTREVISTADORA: Aí você... E a segunda gravidez?

SUELI: Daí bem, com tudo isso foi toda uma mudança, tem todo um histórico para chegar aonde eu cheguei. Então na época nem plano de saúde a gente tinha. Acho que existiam já alguns planos de saúde, mas a gente não tinha conhecimento disso. Então meu primeiro filho foi parto normal. Foi tudo pago.

ENTREVISTADORA: Você tinha 24 anos...

SUELI: 24 anos. E recém-casada. Eu tinha quatro meses de casada, nisso começou o processo da gravidez, que foi pavorosa. Eu achei até que era um lado psicológico meu, porque eu enjoei nove meses.

ENTREVISTADORA: Você está falando da primeira?

SUELI: Da primeira. Eu enjoei nove meses. Eu vomitei nove meses. Foi terrível, hoje eu me questiono se não teve todo um lado psicológico em cima disso. Depois eu constatei que não, mas realmente pensando será que não era o meu lado psicológico, que eu não queria, que não estava desejando e de repente aquele mal estar todo de vomitar sem parar, de não parar nada no estômago e . E nisso meu marido saiu da firma onde ele estava, deu início ao, a uma nova vida e eu grávida. E nesse início nós tínhamos um apartamento que quando eu engravidei a minha família achou que era um apartamento de um dormitório e onde eu ia acomodar o bebê que ia vir e me passaram para o apartamento onde hoje eu resido. Provisoriamente até eu decidir, que eu já estava no final da gravidez. Aí nós resolvemos vender o apartamento que nós tínhamos, mas na minha cabeça, tudo aconteceu ao mesmo tempo, porque nem habituada a ele, ao meu marido, eu estava na realidade, tudo para mim era novo. Essa convivência para mim era toda nova . Quando nós vendemos nosso apartamento, para mim não era o nosso apartamento, era o apartamento deles. Sabe, a cabeça não estava nem preparada para pensar assim: Isso é nosso. Não, prá mim ainda era assim: as coisas eram deles ou eram minhas, as minhas roupas, as suas roupas, o apartamento era dele , então eu não tinha nem cabeça para começar a pensar que de agora em diante nós somos duas pessoas em conjunto. A cabeça não estava pensando ainda assim. Eu era eu e ele era ele. Ele tinha a individualidade dele. O dinheiro dele, os bens dele, e eu tinha o meu. Estava tudo muito separado ainda. Eu não tinha cabeça de falar assim. Nós vamos construir, nós vamos fazer. Não existia o nós. Eu era eu e ele era ele, e nós estávamos simplesmente vivendo juntos. Era bem por aí. E veio, saímos, viemos para cá no meu final de gravidez, passei para o apartamento do meu pai para poder vender o meu tranquilamente, porque com barrigão não ia ter condições de sair, de procurar alguma coisa. Passei provisoriamente a morar no apartamento adquirido pelo meu pai para a gente tentar fazer um bom negócio. Nisso, vendemos o nosso apartamento. Só que na minha cabeça, nós iríamos comprar um outro apartamento para nós e ele na época chegou para mim e falou assim: Olha, eu vou utilizar parte do dinheiro para abrir um negócio até sair o que ele estava pretendendo que seria a primeira firma dele. E eu na época não tinha nem cabeça para dizer assim: Não, não vamos vender, vamos alugar, vamos, ou, Ah, se a gente vender nós vamos empatar então no xis apartamento que eu estou querendo. Eu simplesmente concordava porque aquilo não era meu. Na minha cabeça, aquilo ainda não era meu. Era muito louco, sabe? Faltava adaptação mesmo. Faltava você dizer assim, não, agora eu e ele vamos construir alguma coisa em conjunto. Eu estava em lua de mel. Em lua de mel com um filho na barriga vamos vender? Vamos, eu vou aplicar... É, aplica. E nisso foi uma parte do dinheiro, enfim, perdemos uma parte do dinheiro da venda deste

apartamento. Montou um negócio com amigos que o lesaram, enfim, perdemos tudo. Daí eu estava com um apartamento que na minha cabeça era emprestado pelo meu pai, era por pouco tempo, era até a gente resolver a nossa própria vida , com filho. Atravessei toda a situação porque, tem um lado também que é, poucas mulheres se dão conta que você está com o seu companheiro, você vive com ele, aí você tem o seu filho e tem um lado masculino que tem ciúme desse filho e eu sofri esse processo de forma violenta. Violenta. Porque eu estava praticamente na minha lua-de-mel, porque prá mim era uma lua-de-mel. Um ano e pouco de casado é uma situação de lua de mel. Você está nas nuvens, tá feliz da vida. Me casei com o homem que eu era eternamente apaixonada desde a adolescência, vai, quando eu entrei na adolescência eu me apaixonei por ele. Acaba realizando um sonho, e uma pessoa que correspondia a todos os meus sonhos. Eu tinha uma amiga minha que falava prá mim: Das duas uma: Ou você um dia namora com ele, e se decepciona totalmente, ou você namora com ele e se encanta. E foi o que aconteceu comigo. Namorei com ele e acabei de me encantar totalmente , eu estava vivendo o sonho da minha vida. São raras as pessoas que se casam com a paixão da vida , tive meu primeiro filho, e nem tive coragem de tirar esse processo todo. Nisso o Cleber ficou com oito meses e num processo violento de ciúmes dele, violento. Eu só me dou conta hoje na minha maturidade, mas na época, foi uma avalanche. É uma avalanche que você nem sabe lidar direito com ela. Você não tem preparo. Você desconhece, sabe, o processo todo que ocorre. Porque minha sogra falava prá mim: ele não gosta de criança. Você gosta de criança. Ah, eu gosto. “Ele não gosta.” Eu falava: Gente, coisa de louco, não há quem não goste de crianças, sabe. “Ele não gosta até o momento de ter os seus. Pode não gostar das outras crianças, você tem um filho, você vai gostar com certeza absoluta. Ela fala: “Ele não gosta de criança”. Sabe, tá sonhando, porque coisa daí eu fui entender exatamente sabe, o que ela queria dizer prá mim. Então eu tive meu filho, eu fui mãe solteira. Fui mãe solteira. Ele foi meu companheiro até a hora do parto, ele ficou comigo. Não foi minha mãe, não foi minha sogra, não foi ninguém. Ele ficou comigo, ele ficou na maternidade comigo. Ele me acompanhou. Ninguém ficou dormindo comigo na maternidade, quem ficou foi ele. Mas porque eu era importante para ele, não meu filho. Eu era importante para ele como mulher, como companheira, ele nunca pensou em mim como mulher, ou mãe dos filhos dele, nunca. Ele sempre me viu como mulher dele, a companheira dele, a amiga dele. Mãe dele seria um parênteses muito longe. Não era importante para ele. Eu acho que na época não era importante para ele ter filhos, tá, se viesse tudo bem mas não era o maior sonho da vida dele. Lógico que até gostaria de ter, mas não era o mais importante na vida dele. E eu me voltei para o meu filho. Para o filho meu que nasceu. Eu tinha certeza absoluta que isso ia acontecer,. Eu me voltei para o meu filho. Eu pertencia ao meu filho e o meu filho dependia de mim. Então eu me voltei totalmente para esse

filho. E esqueci, ou não sei se a gente esquece. Acho que é um processo, é uma avalanche tão grande porque teu filho chora a noite, você vai ter que levantar, entendeu, infelizmente não tinha dinheiro para ter babá, para ter enfermeira, então não tive minha mãe. Teve um amiga que ficou comigo. Minha mãe me acompanhou, me deu toda a assistência, infelizmente ficou doente quando meu filho nasceu e não pode ficar comigo. E eu tive depressões horrorosa, eu tive depressão pós-parto horrorosa, e eu só vim a descobrir depois que era depressão pós-parto, sabe, então , a gente saía junto com essa amiga minha. A gente saía dessas depressões de madrugada, passando noites nem claro, com a criança chorando, na sala dando risada. Só que você não tem a menor noção, que você esta com depressão pós-parto. Sabe, é uma avalanche tão grande na sua vida, que, que , você rola, imagina, depressão, Ah, brincou comigo, . Sabe que eu vou sentar e analisar que eu então com depressão pós-parto, sabe, com teu filho chorando. É muito complicado, quer dizer , foi um processo todo muito complicado. E nisso o Cleber começou a crescer, a se desenvolver e ele simplesmente se anulou, se anulou e começou a viver uma vida paralela. E quando ele chegava de madrugada em casa, que eu “onde você estava?, Ó, a criança tá chorando, tá com problema”. “Ah, eu estava por aí”. Ele começou num processo de boemia porque ele não tinha mais a companheira dentro de casa. O que ele queria era a mulher que saísse com ele, que estivesse disponível a hora que quisesse. Só que eu não estava mais disponível. Ele, na época, não entendeu todo esse processo, ele não estava preparado para o processo e eu mesma não estava preparada , tinha que assumir isso.

ENTREVISTADORA: Não tinha jeito!

SUELI: Não tem jeito. Você vai pegar seu filho e vai falar assim... e prá mim, quando eu saí da casa da minha sogra, eu passei três dias na casa da minha sogra, quando eu sai de lá com o meu filho, foi a mesma coisa que dissesse assim prá mim. Eles me trouxeram para o apartamento. Eu sozinha, no apartamento, a hora que fecharam a porta do apartamento, com as malas, era mala de roupa suja, era mala prá arrumar minha, era mala do bebê, eram as compras de fraldas descartáveis, de produtos e foi trazido tudo para minha casa e que meu sogro e meu pai falavam assim: “Então tchau, tudo de bom, não sei quê”. Eu me lembro que eu fechei a porta, eu sentei no sofá com o meu filho e comecei a chorar, porque eu não sabia nem que mala começar a desmanchar. Por total despreparo, por total despreparo da vida, das coisas. Nunca lavei um copo na minha vida. Era um total despreparo até para receber uma vida nova que estava vindo só que eu assumi tudo e sentava, chorava, só que você tem ...

ENTREVISTADORA: Fala da segunda gravidez um pouco.

SUELI: Nisso, eu me sinto assim: “Toma que o filho é teu”. E deu início a todo esse processo de afastamento do meu marido, como homem, de mim, do meu próprio filho. E eu ainda estava nessa roda viva, quando aos oito meses, meu filho tinha oito meses, quando eu engravidei pela segunda vez. Eu estava num processo tão violento, quer dizer, na verdade eu como mulher que já estava muito consciente de que o filho na realidade era meu. O processo mais tarde que se inverte, mas naquele instante, o filho era meu, todas as conseqüências daquilo eram minhas, eu não tinha mais um companheiro, não. Ele não estava muito interessado em saber daquela criaturinha, daquele bebezinho que chorava , não sei o que ..., que pentelhava, que tinha as doenças. Não estava. E não era por aí. E nisso eu tive a minha segunda gravidez. E aí, analisando tudo o que eu já havia passado, a situação que eu estava, fora a vida financeira, que era o início de uma nova firma, era todo um processo que eu não conseguiria sair para trabalhar, que eu tinha um bebê de oito meses, que eu não sairia mesmo, mesmo para trabalhar fora com o meu filho. Essa era a parte mais complicada, porque eu não sairia mesmo procurando um emprego. Se eu estivesse passando fome eu recorreria à minha família, que graças a Deus tinha posses, mas eu sair para trabalhar e abandonar meu filho, jamais. Porque esta, na realidade era o meu posicionamento. Eu teria os meu filhos para que eu cuidasse. Aí, mais tarde, por exemplo, por volta de dois anos, quando a criança começa a falar, aí sim eu teria coragem de deixar com alguém, porque aí ele já estaria se comunicando. Nisso, quando pintou a segunda gravidez, eu com um filho de oito meses vivenciando tudo e, na realidade, na época, eu achei que estava perdendo meu marido, porque o meu marido estava na noite. Eu não podia mais fazer companhia para ele e ele estava na vida dele. Ele estava levando a vida dele. Só que eu estava dependente de uma outra pessoa e uma outra pessoa dependente de mim, ou vice-versa. Aí, não tive muitas dúvidas, não tive. Quando eu... Graças a Deus eu não preciso nem esperar o meu atraso de menstruação para saber que estou grávida. Por isso que eu estou falando assim , no começo da entrevista, eu falei que , eu jurei, que eu achei que até fosse um processo psicológico, não! É um processo orgânico meu. Então, a explicação médica é que eu tenho um óvulo que adere tanto à parede do útero que a mulher enjoa. Há um processo de enjoão porque aquele ovulo, assim, se prende, e as mulheres que enjoam, que hoje já tá provado cientificamente, que a mulher que enjoa e que vomita, dificilmente aborta, porque , sabe, aquilo tá assim, tá muito preso, que eu vi a pouco tempo uma pesquisa na Inglaterra que foi feita. Eu falei: “Ah, tá explicado.” E o meu ginecologista fala: “Olha, você pode levar tombo e tudo que jamais você vai perder.” Eu, assim , bateu o óvulo com o espermatozóide, três dias depois eu estou vomitando. E então, antes do meu atraso... , essa eu digo entre aspas “é uma

felicidade” porque assim , antes de atrasar ou de vir a menstruação que deveria vir no próximo mês, eu já sei que estou grávida, sem precisar de exame médico nenhum. E então eu falei para o médico, eu falei assim: “Eu estou grávida”. “Você está louca?” Eu falei: “Eu estou grávida, eu posso até espera a menstruação para fazer um exame. Mas eu estou grávida. Assim foi com o meu primeiro filho e assim foi com o segundo. “Você está doida !”. Nisso eu falei para ele: “Eu não vou ter, não quero”. Agora, o que me levou a dizer na época “eu não vou ter, eu não quero”, na realidade, eu achei que, primeiro eu tive que abrir mão dos meus sonhos que na realidade, eu tive um sonho de ter três filhos, e eu entendi o quê nesses nove meses de gravidez e mais oito meses do meu primeiro filho? Eu entendi que, na realidade, para o meu companheiro, isso era de menor importância. E o que eu queria na época? Eu queria viver bem com o meu marido, como meu parceiro. E eu pensei assim : o que é mais importante para mim? Ter os meus filhos ou viver com meu marido? Então, se eu fosse ter os meus filhos, eu provavelmente hoje estaria com três filhos, separada. Com certeza quase absoluta, porque é um ponto de interrogação mas na época, se a gente retornasse, hoje, eu falaria prá você, jamais, imagina, jamais aconteceria, por que ? Porque há uma maturidade, há toda uma modificação de vida, graças a Deus somos seres mutantes, graças a Deus senão a vida não teria a menor graça. Mas, na época, o que é que estava acontecendo? Eu literalmente estava perdendo o meu marido. E, na época , o que é que era importante para mim? Era viver com ele. Então, eu parei comecei a pensar: ou eu tenho os meus filhos, ou eu vivo com ele. Eu não tive muitas dúvidas. E também na época eu me questioneei: Para que ter filhos de um companheiro que na realidade não esta desejando estes filhos?

ENTREVISTADORA: De quem foi essa decisão? Como é que foi isso?

SUELI: Foi minha. Exclusivamente minha. Minha! Eu me lembro que na hora que eu pesei tudo... E sempre falam: “Ah, ela enjoou muito, ela passou muito mal...”, mentira, mentira. Você como mulher, na realidade, você está enxergando tudo o que está acontecendo, na realidade eu ficaria com dois filhos nos braços e sem pai. Porque o meu marido estava com uma amante, o meu marido estava fora de casa. Esta é a verdade, não adianta mistificar e mentir. Você sabe disso. Você pode não ter certeza absoluta. Você sente, você sabe, você sabe o que está acontecendo. Então, para quê? Vou eu arriscar ter um outro filho e ficar com dois e , sem vida profissional , porque numa dessas, duas gravidez seguidas, sem emprego nenhum, sem vida profissional, descasada, voltar para a casa dos meus pais com juros e correção monetária? Que seria por aí mesmo! Eu analisei, eu analisei friamente toda a situação que estava vivendo, pesei os prós e os contras do que estava acontecendo na minha vida e que eu queria

para a minha vida . E na época dessa segunda gravidez, eu coloquei para mim que o mais importante era tê-lo, e não ter meus filhos. Que o meu parceiro eu havia escolhido, e eu pretendia viver legal com ele. Ai, eu cheguei e falei para ele: Eu não quero! E ele, na época, não falou nada, absolutamente nada, e ele achou, da minha parte, que como eu havia passado super mal, vomitado nove meses, ficava praticamente na casa da minha mãe durante nove meses, passando super mal, apesar da gestação maravilhosa, o parto super normal, eu passei super mal e não aceitei. Não aceitei meu corpo, não aceitei minha barriga, infelizmente. Que era coisa assim, sabe? Eu me achava horrorosa, ridícula, com aquele barrigão. Eu falava assim: “Não há homem no mundo que possa achar uma mulher bonita deformada desse jeito. Porque na realidade o teu corpo, o teu corpo de mulher sofre uma... Deformado não, ele sofre uma transformação, uma coisa absurda. Absurda, ! E eu não aceitava a própria transformação do corpo, que é uma coisa linda, divina, maravilhosa, que eu deveria ter curtido como um momento único da minha vida, quer dizer, tudo que eu sonhei na vida foi por terra abaixo, que eu achava, sabe , que o meu companheiro não estava curtindo nada daquilo, nem meu corpo, nem a mim, e nem queria aquele filho, não sei o que... Eu pesei tudo, começo de vida, não tinha situação financeira, eu pensei em como nós vamos pagar um hospital, médicos de novo, enxoval de filho, que nos jamais sairíamos do apartamento do meu pai, com um segundo filho, iniciando vida. Na realidade eu pesei todos os prós e os contras na época da nossa situação de vida e eu resolvi não ter meu filho. Mas não tive questionamento nenhum. O único... Mentira! Tive questionamento parte do que eu deveria fazer. Então , o obvio, o lógico, o racional, seria não ter o filho. E eu optei por não ter. Eu procurei um amigo meu, médico, eu me comuniquei com ele, eu perguntei para ele se ele me ajudaria. E daí o meu marido foi comigo. Mas eu resolvi tudo. Até o médico que eu iria procurar, que foi amigo meu. Que inclusive na época não cobrou nada, sabe. Ele disse: “Você vem que eu... “ - “Você me ajuda?”- “Você pensou bem?”. Ainda tivemos uma entrevista: “É isso mesmo?” “É !” .Tirei meu filho, aí eu quase morri depois.

ENTREVISTADORA: Por que ?

SUELI: Por que? Por todo o processo psicológico que veio depois. É uma coisa muito violenta, é doloroso. Se machuca, se magoou, te marca, te fere, fere na tua alma, na tua essência, na tua essência de ser humano. É a pior experiência que uma mulher pode viver é um aborto. Aí os meus princípios católicos e veio pós o aborto, a possibilidade de vislumbrar um filho futuramente. Sei lá, a vida poderia mudar e eu poderia gerar um outro filho e graças a Deus, super normal, assim, se eu não optasse depois por tomar pílula, por conta própria, eu teria filho por ano. Eu, se brincar, eu tenho filho por ano. E veio prá mim, como pessoa, depois do aborto, então assim, você pega, você fala assim:

“Não quero, não quero”. Você tira, ai depois de day after, eu ficava me questionando assim se algum dia eu pudesse ter um outro filho, se Deus me castigaria e não me daria outro filho. Então, pinta psicologicamente e aparece, tudo, toda a tua essência aparece depois de um aborto. Aparece teu lado religioso, de medo de um castigo, no meu caso, como católica, de um Deus todo poderoso que iria me castigar, não me dando mais filhos. Ou talvez me dê um filho deficiente ou talvez me tirando o filho que tive, que foi um processo muito louco, assim, por muito tempo eu temia até pela morte do único filho que eu tenho como um castigo. Por que ? Porque eu era uma pecadora. Eu passei muitos anos da minha vida sem novamente entrar numa igreja, por que eu era uma pecadora. Foi um processo psicológico muito violento, porque na realidade eu estava preparada para ter os meus filhos não para não tê-los ou não desejá-los. Então você ama criança como eu amo criança, como eu adoro, eu tive os dois lados do meu processo. O meu lado mulher, companheira de um determinado homem. O meu lado mulher! Mulher mãe. E são coisas opostas, são coisas antagônicas, mas caminham tão junto de você. Você como mulher, você é um todo e você na realidade não consegue superar isso. Não tem como separar isso. Você sim consegue separar o teu amor pelo teu marido e o seu amor pelo seu filho. Porque acho que só você é capaz de separar, sabia, o resto não sei, não sei bem se o homem tem toda essa dimensão que não temos, sabe? Eu me questiono se realmente tem. Às vezes pode até ter, não sei. Eu estou falando a minha cabeça feminina. Então, particularmente foi um processo terrível, doloroso, minha culpa, minha máxima culpa, eu sou pecadora, não sou merecedora de nada, porque eu matei, na minha cabeça, eu matei um ser humano e esse ser humano era meu filho. É muito forte, é muito complicado. Sabe, é um ser que esta dentro de você e você tirou. Eu lembro que a preocupação que eu tive foi assim: quando eu cheguei no médico para abortar, eu não tinha o atraso da minha primeira menstruação e nem exame médico para saber se estava grávida ou não. E eu, conversando com ele, ele falou assim: “Sueli, mas, você sabe se você está grávida ou não ?”- Eu falei: “Eu tenho certeza absoluta que estou grávida. Você pode me examinar. Você examina prá, prá...” -“Não seria melhor esperar?” - Eu falei: “Eu não quero esperar”. Eu me lembro que quando terminou o aborto eu perguntei para ele se eu estava grávida e ele falou que eu estava mesmo.

ENTREVISTADORA: Não fez exame, nada?

SUELI: Ele fez exame clínico, constatando que realmente eu estava grávida. Na época ele falou assim para mim: “Você esta por volta de três a quatro semanas de gravidez.” Não tinha completado quatro semanas, não, mentira, não tinha quatro semanas, não havia o meu atraso de menstruação. Ele falou assim: “Realmente você está grávida”. Porque eu

falei para ele: “Eu não preciso de exame. Você me examina e vê se eu estou grávida ou não.” Ele falou: “Realmente você está grávida” E quando terminou, eu perguntei para ele se tinha alguma forma. Ele falou: “Não. Simplesmente...”- Não sei, na época a expressão que ele usou, tipo uma mucosa, alguma coisa não tinha forma definida nenhuma. E a minha preocupação era de realmente, não ter forma nenhuma. Vamos supor, se eu tivesse de dois meses de gestação, eu jamais faria, porque eu também tinha conhecimento de todo processo da gestação e em dois meses de gravidez o que estava dentro de mim, e é muito louco, porque na realidade não é o que está dentro de você, não interessa se é um , se é dois, se é três semanas, se é quatro, mas eu não queria uma forma definida, eu não queria ter, que saísse alguma forminha de, de, de uma vida, lógico que já tinha vida, mas eu não queria forma, eu não queria saber de forma. E foi a primeira coisa que eu perguntei, se tinha alguma forma e ele falou: “Não, absolutamente nada, um muco”. E nessa, foi um processo de um, de dois anos. Não estou te falando de meses, de um ano... Foi um processo de anos e anos. Você se questionado... Aí, vieram outras etapas da vida então você fica se questionando, e se eu tivesse aquele filho, que hoje estaria... Você fica contando no tempo, com quantos anos ele estaria? Como seria? Seria um menino ou seria uma menina? Seria tão bonito quanto o primeiro? É uma série de questionamentos que, bolam, que embolam, que te pegam. É um processo muito longo que também, com o passar do tempo, hoje prá mim retorna a fase dolorosa de recordar isso, mas hoje prá mim também é um processo muito bem resolvido, sabe, eu acho assim, que na realidade, eu estava certa, que realmente não deveria ter nascido, que se tivesse, hoje, e há complicações, haveriam maiores complicações ainda,, por todo o processo posterior, que hoje, por exemplo, seria maravilhoso ter um filho novamente. Hoje eu fui obrigada a amadurecer, saber que a mulher, tendo um filho com 15, com 16, com 17, ela se obriga a amadurecer e hoje ele estaria apto para ser pai, como hoje é, mas não foi! Mas hoje é pleno e completo, satisfaz, agora um ponto de interrogação, eu ia adivinhar que seria tudo isso? Então, foi perfeito, foi o mais racional, diluída a ... É muito complicado, que eu acho que isso, no fundo, no meu íntimo, eu vou levar para o túmulo. Na realidade, eu ainda me sinto culpada por não ter tido. Só que hoje essa culpa se modificou, já não tem mais o peso : “Vou ser castigada!”, já passou todo esse processo . Esse processo sofrido que aconteceu na época perdurou . Isso eu estou falando em termos de 25 anos. Levou uns 10 anos todo esse processo para mim diluir, de chorar dia e noite, ou de saber que alguém ia fazer e dizer: “Pelo amor de Deus, não faça. Não faça. Tenha.” Olha, uma alegria, não sei que, não sei que lá, tentando convencer os outros daquilo que eu mesma não havia me convencido. Eu mesma não consegui me convencer que seria da minha vida, eu não consegui me convencer disso, tentei convencer outras pessoas, algumas com resultado. Não sei se graças a Deus, ou não. Algumas com resultados

positivos, outras não. Mas, e também, foi uma coisa que eu fiquei sozinha, eu não dividi isso com ninguém. Sabe, foi “ Ah, eu estou grávida! Não sei se vou ter, se não vou ter”- Não! Eu vivi sozinha dentro da minha casa, dentro das minhas paredes. Eu tomei a solução, a resolução, eu assumi, como assumi o meu primeiro filho, eu assumi o meu aborto também. Foi muito louco. O resultado disso tudo eu acho que me fez... uma pessoa pior no sentido de não assumir uma nova vida. Melhor na medida que eu soube me posicionar sozinha, que eu tomei consciência de que eu posso e esse, e é assustador a medida que você tem poder sobre seu corpo. A deci... sabe, e é um processo muito louco que nós mulheres temos, porque no fundo no fundo, eu acho que só a mulher decide quando e como ela quer ter filhos. Processo que por mais que o homem fale que desejaria ter não sei quês, 5 filhos, a mulher tem dois filhos e o homem fica com o desejo dele de ter os cinco filhos. Existem casos e casos, raramente, ou se ela tem os cinco filhos que o homem desejaria ter, foi por opção dela, não foi do cara não. É uma coisa assustadora, ao mesmo tempo maravilhosa é assustadora, porque você tem pleno poder sobre o seu corpo, de decidir o que você quer e o que você não quer. Prá mim, foi todo um processo doloroso, foi custoso, custa, custa você ultrapassar tudo isso dentro de você. Eu consegui. Bem ou mal, porque , as falhas, psicologicamente, é como eu te falei, vou carregar para o túmulo. Não é que me sinta isenta até hoje, eu ainda me acho culpada, mas é outro processo , não é mais aquele medo de ser castigada, não há mais esse tipo de medo.

ENTREVISTADORA: Isso, esse processo te fez de alguma maneira ser contrária ou a favor do aborto, essa..., como é que você, não em relação a você só como é que você se posiciona hoje frente a isso?

SUELI: Eu sou contra o aborto. Eu sou a favor da prevenção. Por exemplo, no meu caso, se na época eu tivesse tido outro tipo de orientação, eu não teria minha segunda gravidez. Eu tive meu primeiro filho, eu tive todo acompanhamento médico, toda assistência , mas desde meus nova anos de idade que eu vivo no ginecologista, então eles foram categóricos: “Pílula não”, agora, com uma menstruação irregular quer dizer, na realidade, por mais tabela que você faça, nunca sabe na realidade teu período fértil. Você não sabe, é uma coisa de louco, você tem períodos de 25, de 28, passa para 40, para 42, para 52...Qual que é o seu período fértil? É muito complicado. Não haveria tabela no mundo que me desse uma segurança de que eu não engravidaria e foi o que me valeu, porque eu tomei por conta própria, prefiro. Eu não tiro nunca mais na minha vida. Eu passei a tomar pílula.

ENTREVISTADORA: No DIU você não pensou?

SUELI: Não, não, não pensei em DIU, nem ... diafragma, DIU, não, era pílula no duro mesmo! Na época, quando me casei, veja bem , pílula não, o que me faltou ? Faltou, porque minha mãe me acompanhava: “Ah, doutor, o que você recomenda a ela?” Ah! Um DIU, um diafragma, um raio que o parta, não, sabe? -“Ah, conta, veio a menstruação, aí você conta, é, o período da menstruação, ai 10 dias pode, 15 não pode, o restante pode seque a tabela. Pô, falhou, tinha que falhar, não tinha como falhou do primeiro, sei lá, no segundo, o segundo eu nem me lembro como aconteceu. No, no, na minha primeira gravidez, porque eu tenho hábito de anotar a menstruação até hoje, todo mês, eu anoto para contar o ciclo porque hoje eu não tomo mais pílula, para ver como é que está, se está muito regular, se está irregular e até hoje eu anoto, você pode ver meu calendário.

ENTREVISTADORA: Você ouviu dizer que é contra o aborto, como é que você vê?

SUELI: Como para mim: uma experiência altamente dolorosa.

ENTREVISTADORA: Estou dizendo em termos de legislação. Como que você se posiciona em relação ao fenômeno aborto?

SUELI: Aí é uma coisa, eu sou contra, mas eu sou a favor de que haja uma prevenção, isto sim, isto é o correto, isto deveria ter acontecido comigo, não aconteceu, mas depois eu tomei medidas para não continuar engravidando, e o que, vou continuar engravidando e abortando, maravilha. Num país pobre como o nosso que antes eram as pessoas humildes que decidiam abortar e por métodos que são simplesmente terríveis. Eu tive uma faxineira minha que, eu acho que, o sexto filho dela, ela foi abortar em uma mulher que enfiava uma vara de bambu no útero para a pessoa. Você já pensou, pára para pensar. A classe mais pobre também era, era, porque estatisticamente não é mais, a que tinha um maior número de filhos, então, principalmente por religiosidade, eram crente até quando Deus quiser., bem Deus não vai colocar comida na sua mesa, você precisa oferecer condições de vida para os seus filhos, criar, educar, enfim uma porção de coisas, . Então esse processo todo de país pobre como o nosso as mulheres humildes ou não, como é o meu caso, só que eu fui em um médico, uma clínica, se acontecesse alguma coisa prá mim eu teria uma assistência hospitalar, quer dizer, eu casualmente eu sobreviveria, por pior que fosse, só uma fatalidade muito grande, mas eu estava com todo um aparato médico atrás de mim, segurança, não tive seqüela nenhuma, problema nenhum, maravilhoso, e as que não tem, e as que ficam nas mãos de curandeira, e as

adolescentes que estão tendo filhos aí com doze, treze, quatorze anos, como é que fica? Então eu acho que precisa também, eu acho o país hipócrita, pela educação religiosa, sabe, América Latina Católica, “Salve, salve”, então é todo um processo, que eu sofri pela minha educação católica, e eu tive todo esse tipo de questionamento, então você imagina uma pessoa humilde, se não vai ter esse questionamento religioso que está implicado nas nossas raízes isto foi herdado por nós, então precisa desmistificar, precisa haver uma conscientização. E no caso de uma gravidez realmente indesejada que vai ter que abortar, porque não vai ter como, tem que acabar com essa hipocrisia de: a não, Deus cria, a não, dá-se um jeito, não se dá um jeito, comida falta na mesa e quando um filho seu chora não vai ter Deus nenhum para colocar comida na sua mesa, ele vai morrer de inanição, de desnutrição, ele vai morrer, ou se ele não morrer ele vai ser um ser deficiente, porque desenvolvimento ele não vai ter, quer dizer não é uma hipocrisia também. O meu questionamento era totalmente diferente, porque eu era uma pessoa que bem ou mal, teria comida e jamais faltaria, poderia faltar outras coisas, porque a gente pensa em uma educação primorosa, curso de inglês, o pobre pensa em termos de colocar pão na mesa para comer, que pão na nossa mesa não vai faltar, não é por aí, o leite, o pão, a roupinha dele, nada vai faltar, e nós temos o tipo de questionamento de como é que vai ser, já estou nesta dificuldade, se eu tiver dois como é que vai ser. Deus não cria ninguém.

ENTREVISTADORA: Como é que você vê a legislação?

SUELI: Atualmente eu sei que é ilegal, que é taxado como crime, a prática do aborto é taxada como crime, eu acho uma hipocrisia total, é herança de um país católico, é Igreja que rege, mesmo que vocês tentem modificar isto, eu acho que por trás do Brasil país, a Igreja católica que ainda tem muita força, ela é contra eu acho que pelos entraves, dificilmente, sei lá, na Itália é melhor, só que você não vai comparar um país como a Itália com o nosso, tanto em termos de dimensão territorial, nada. Aqui eu acho que o entrave ainda é a Igreja católica que continua nessa, eu digo, hipocrisia mesmo, de não olhar o problema de frente o problema social, horrível, eu tenho o meu pai cuidando lá de pessoas carentes, e ele falou que não tem fim porque a mulher aparece com três filhos, passando fome e o quarto na barriga. Ela tem esse quarto e depois de algum tempo ela aparece no centro novamente com os quatro filhos, um no colo e outro na barriga, quer dizer, vão ser quantos que precisam de caridade, de alguém que dê vacina, que dê leite, porque o governo não supre nada, esse serviço que meu pai desenvolve é todo particular, sabe, envolve médicos, advogados, desde operar criança, acharam o médico que opere por caridade, por caridade, você precisa da caridade porque o

governo não faz, o governo não faz. Sabe, dar leite para essa família providenciar enxoval.

ENTREVISTADORA: Mas aí, no caso, você está falando ainda da prevenção da gravidez. E no caso em que a gravidez acontece? Vamos supor, está prevenindo mas ela acontece?

SUELI: Mas em qual situação? Famílias carentes ou ...? Nossa eu acho uma situação tão particular, eu acho super particular, porque cada cabeça sua sentença, eu acho uma situação super particular, eu não posso dizer assim: “ Ah eu tiraria eu acho que cada indivíduo tem a sua história você tem que vê, na realidade eu acho que cada um que faz a opção porque eu vou tirar, eu não sei se na classe mais humilde se pensa assim, a devem pensar também, porque sei lá, tem três filhos passando fome eu vou ter mais um dá para passar isso para cabeça delas também, como passou para a minha se eu tiver mas um. O que vai ser? Como vai ser? O que vai acontecer?. Agora eu brinquei com o destino, com situação de vida, que é o ponto de interrogação, e que hoje eu acho que eu fiz muito bem, como encaminhou a minha vida eu acho, o mais certo, sabe quando você pára e enfrenta determinada situação e fala assim: “ Meu Deus se eu tivesse dois, como seria, todo esse processo? Sabe, será que seria mais fácil? Tem horas que eu acho que realmente foi o mais acertado que eu pude fazer na vida. Mas eu acho que deve passar por todas as cabeças desde a pessoa mais humilde, mais é uma situação única, é um negócio tão particular de você fazer a sua opção ter ou não ter, agora eu acredito que você não possa decidir, generalizar, a se você tem três então você não tem que ter mais, e se ela quer ter mais, e se ela acha que vai trabalhar e vai ter o pão acho muito complicado, ai seria também um outro tipo de crime, você não deixar é o Estado não deixar o indivíduo reproduzir, não dar o direito ao indivíduo de reproduzir então você tem alguns países por exemplo, menina mata, não é o caso da China? Mata, agora o que é melhor e o que é pior neste sentido, é você dar a luz a uma menina e matar, aí você matou, quer dizer, o aborto você mata antes, o que é melhor e o que é pior, é difícil e muito complicado, você responder isso, então vai deixar? Então antes de gerar ou se gerar e depois matar, antes não ter, então o que seria ideal? A prevenção, a educação do povo para que você não tenha uma gravidez indesejada e este seria o ideal, é na realidade isto não acontece, e tem mulheres que não podem tomar pílulas, tem mulheres que não podem fazer isto, não podem fazer aquilo, aí vira uma situação muito particular, só que eu acho que o indivíduo deve resolver, você como indivíduo, como pessoa, dentro de sua particularidade, e de sua vida você deve resolver, sabe aquele “ Você decide”, na realidade é você que decide se você quer ter o seu filho se você não quer ter o seu filho. E eu acho que neste sentido a mulher tem uma supremacia sobre as suas decisões e sobre o seu corpo, desde a mulher mais humilde até a mulher mais

instruída, na realidade é ela quem comanda o próprio corpo, eu acho que é a mulher que decide. O ideal seria fazer como eu fiz posteriormente de nunca mais os ter

ENTREVISTADORA: Como é que foi a reação, se ele foi junto, a preocupação com você, a preocupação...?

SUELI: Na realidade até hoje eu não sei, na época a preocupação dele era comigo, se estava tudo bem comigo, eu me lembro que eu sai da sala de cirurgia, ai estava comigo este amigo médico do meu lado e a esposa dele que ele chamou e foi lá para me acompanhar também, eu acho que ele sabia que depois seria uma barra total e ela ficou do meu lado também, estavam os dois, eu abri os olhos, eu vi os dois, eu vi os dois, e a primeira coisa que ele me falou foi que meu marido está ai fora, ansioso para saber se estava tudo em ordem.

ENTREVISTADORA: Você foi anestesiada?

SUELI: Fui, para saber, muito rápido, na verdade é uma questão de 20-30 minutos e a anestesia é rapidíssima, é super rápido, depois que você sabe, mais você não tem essa noção, é muito rápido, eu me lembro que eu me alucinei no final da anestesia, eu estava vendo um trem, as luzes da sala de cirurgia passavam muito rápido, eu vi um trem viajando em alta velocidade, barulhos, ai eu despertei, pensei que fosse um trem, mais não era, era dos aparelhos cirúrgicos, eu alucinei um pouco nos finalmente da anestesia, acho que voltei a dormir, mas acho que isto foi em um espaço de meia hora no máximo, . Ai ele falou para mim, ele está ai fora super preocupado e com o filho, porque não tinha com quem deixar, diga-se de passagem e ele falou eu já falei para ele, e a preocupação dele era só comigo, se eu estava bem, na época, isto foi o que ele transmitiu para mim, se eu estava bem, se eu estava legal, se eu estava com dor, se eu estava precisando de alguma coisa, tanto é que retornamos para casa e ele cuidou de mim, ele comprou os remédios necessários, antes foi na farmácia, comprou, cuidou de mim, levava remédio na cama, cuidava da alimentação, olhava o meu filho a preocupação dele era só comigo, isto era o que ele me passou, se eu estava bem, se eu não teria complicação nenhuma, isto foi o que ele me passou, agora, o lado emocional, psicológico dele na época nunca eu soube, nunca, porque em momento nenhum ele me disse que gostaria que tirasse ou que o mais acertado era tirar, nunca. Então eu não sei te responder se ele queria que eu tirasse ou não, porque ele simplesmente não me falou nada, agora dentro da minha maturidade é que eu parei para pensar se algum dia eu não tenha o ferido com a minha decisão, porque é uma coisa muito louca , você ficar com o cara que você ama, você está apaixonada, você está grávida deste cara, você

ama, adora e você não quer o filho dele é a mesma coisa que você dizer para ele, eu estou esperando um filho teu, mas eu não quero o seu filho, porque é filho dele também, gente, é uma coisa louca, só que na época nem me passou pela cabeça, nunca, não vou mentir, se eu te falar assim: “em algum momento você parou para pensar nele, no sentimento dele, eu te digo, não, não” porque a minha sensação era essa: eu estou com o meu filho, o filho é meu, ninguém tá cuidando deste filho, só eu mesmo e se me acontecer alguma coisa sou eu e meu filho, agora, eu, meu filho e mais um, vai me complicar muito, não sei se eu vou ser capaz de sair com um do lado direito, outro do lado esquerdo e eu, então tive os meus medos, foram os meus medos, as minhas preocupações, as minhas dúvidas, em momento nenhum eu virei para ele e perguntei se ele queria ou não, em momento nenhum, eu simplesmente coloquei a minha: eu vou tirar. Em momento algum ele me falou eu não gostaria muito que você tirasse, não, ele não se posicionou, agora dentro da nossa maturidade eu questioneei ele, eu falei alguma vez eu te machuquei por esta decisão, diz ele que não, tenho as minhas dúvidas se eu não acabei ferindo ele, na essência dele, eu não sei te responder, por isso que até falei para você seria ótimo, diz ele que não, ele funciona assim, também não, de maneira nenhuma, mas você extrai dele o que ele sente é algo muito penoso para ele, da mesma maneira que eu me exponho com facilidade, dizendo ai estou triste, estou feliz, para ele é um processo muito delicado expor os sentimentos dele, se ele gosta ou não.

ENTREVISTADORA: Você me falou que você fez uma troca, uma escolha, olhando hoje valeu a pena?

SUELI: Valeu a pena a escolha, a troca, valeu. Eu acho que tem coisas, tem uma coisa muito piegas que fala assim: “parente você não escolhe, pai e mãe você não escolhe, filho você não escolhe, eles são dados”, eu acho que são poucas as coisas que você escolhe na vida, uma delas é o seu companheiro, outra são os amigos e são coisas inexplicáveis. Este companheiro pode ou não dar certo, é uma loteria, como se você comprasse um prêmio da loteria. Escolhe fulano, pode tanto ser maravilhoso quanto isto pode ser uma droga, foi opção sua. O seu filho na realidade nem sempre é opção sua, o teu pai e tua mãe não foram sua opção, você pode se dar muito bem com eles é um outro processo também, é muito complicado. Eu me identificava terrivelmente com o meu pai e não eu não me dava bem com a minha mãe, eu me dava bem, mas não era uma identificação de alma aquele negócio assim de você trocar o olhar e achar que a pessoa está te entendendo e eu carregava isso assim. Sabe, eu me identificava com o meu pai, com a minha mãe eu não tenho a mesma identificação. E um amigo me falou assim e desde quando você tem que ter, sabe. Então, identificação é algo que ninguém explica, então você escolheu o seu companheiro, porque que você o escolheu

quatrocentos mil homens. Aí, porque você olha e fala: “eu quero viver com este, eu quero construir minha vida com ele, ou eu gostaria de viver alguma coisa com esta pessoa, por que?” Porque você escolhe um amigo no qual você tem identificação maior do que um irmão seu, são poucas as opções que você na realidade faz na vida, se você para pensar o teu marido foi a sua escolha o seu filho não foi, a sua mãe não foi, a sua tia não foi, eles vieram de bandeja para você, você pode se dar bem, ou não pode se dar bem, e não leve culpa por isso, é todo um processo. Meu filho me foi dado, mas não fui eu quem escolhi. O que escolhi foi o meu companheiro. Naquele instante, foi mais importante viver com ele. Até hoje eu brinco e digo que quando o meu filho sair de casa, pode me largar sozinha, eu e meu companheiro, porque nós estaremos muito bem, tá, assim, o meu filho veio complementar alguma coisa, mas hoje eu vejo que ele não seria essencial na minha relação com ele como um todo, que eu e ele sobreviveremos sem os nossos filhos, eu e ele como pessoas sobreviveríamos tranquilos como sobreviveremos quando nossos filhos saírem, viverão a vida deles e eu e o meu companheiro sobreviveremos muito bem. Sabe, a tranquilidade, a harmonia, o prazer, é prazeroso conviver, estar junto, porque eu acho também que foi preservada a individualidade isto mais pelo meu lado, porque eu tenho, eu não tenho um lado possessivo, é meu, acho que com meu filho eu tenho esse lado é meu, um ponto importantíssimo dentro deste processo o que aconteceu, eu abocanhei o meu filho, sem me dar conta, eu abocanhei o meu filho para mim, é o toma que o filho é teu, é meu, é meu mesmo, tá, e o que aconteceu, eu não me dei conta que eu abocanhei meu filho com unhas, dentes, com tudo que eu tinha direito e daí com o passar do tempo, foi uma coisa interessantíssima que ele virou para mim e disse: “você absolveu o teu filho de tal maneira para você, que você não deixa espaços para mim” e daí também foi a hora de eu parar para sentir que nesse processo todo, eu na realidade não estava mais sozinha que tinha outra pessoa querendo entrar neste processo, eu poderia falar, agora não, eu vivi, fui mãe solteira e agora você quer, não, é a grande graça da vida, você entendeu, de você ter a capacidade de, eu parei e o dia que eu ouvi isto, foi um tiro no peito, me acordou, é chegada a hora de abrir novos espaços, deixa entrar, deixa entrar tudo de bom, sabe, o que vier o que tiver de vir na sua vida, deixa, deixa entrar, E por um outro lado não vou dizer que eu não tive o melhor, porque o que eu não tive do meu companheiro, eu tive do meu filho, e eu parei para pensar, gente será que eu ainda to naquele processo do que é meu é meu, eu tenho que assumir, eu tenho que criar ele, eu tenho que ter a responsabilidade, eu tenho que fazer, e eu falei ,gente será que é isso mesmo e daí eu acordei e falei gente será que realmente, e me senti feliz de ver que tinha uma outra pessoa interessada nele também e participante e que entrou na vida dele assim de sola, porque é um novo processo hoje eu sou um zero à esquerda, um nada, insignificante, uma reles mulher porque a figura paterna é mais forte, é mais

presente, é essencial hoje para ele, esse lado paterno para ele hoje como indivíduo, para o crescimento dele, eu acho que é importante, ele ter esse lado hoje é super prazeroso, coisa que eu não imaginei, eu pensei que fosse ser mãe solteira para o resto da minha vida Graças a Deus houve um despertar, uma nova etapa, e o relacionamento hoje é maravilhoso, hoje a titica de galinha sou eu é super importante, valeu a pena, foi bom na que meu filho alça vôo, vai construir a família dele, eu vou continuar vivendo tranqüilamente e muito bem com o parceiro que eu escolhi, raridade, as vezes eu falo que vou virar peça de museu, mas realmente eu vou viver muito bem, hoje eu não me dou bem de gênio com o meu filho, a gente está se topando, é um processo dele que ele tem que passar, mais por enquanto, hoje, eu como mulher estou me trombando com ele, quem está se identificando mais é o pai.

O X da questão é esse mesmo, mas, agora falando não só o processo aborto, o aspecto seu como indivíduo, desde a sua criação. Eu sou uma pessoa de uma família mineira, preconceituosa, com alta religiosidade, e eu fui criada com esses valores. Por exemplo, eu me lembro que o meu processo todo como mulher... que eu tenho muito orgulho, porque para muitas pessoas ou para adolescentes pode até ser uma coisa muito leve, você senta com a tua filha e fala, olha, meu amor se você transar tem que ser bom para você, olha, use camisinha. Você vai fazer isto para a sua filha, não vai, com certeza absoluta, vai dizer: olha minha filha eu espero que seja muito bom. Bem o meu processo, quando eu me descobrir como mulher, e eu comecei um relacionamento mais íntimo com o meu marido, que não era meu marido era meu namorado, eu tentei chegar em quem , na minha mãe, é qual é a mulher mais próxima de você, é a tua mãe, então eu estava cheia de dúvidas se era certo, se não era, deixar ele passar as mãos nas minhas pernas, no meu seio, aonde eu ia, eram questionamentos que eu tinha porque até então eu tinha vivido experiências, ai eu cheguei para minha mãe e comecei e ai mãe como era no seu tempo, você é meu pai, e fui entrando no assunto, e a minha mãe é uma raposa de burra ela não tem absolutamente nada, minha mãe você está saindo com o fubá e ela está voltando com o bolo , bolo pronto para te servir, de preferência frio, ela virou para mim e disse assim: “eu sei bem onde você quer chegar, se você quer saber: fazer sexo para mim dá no mesmo. A noite eu questionando com o meu marido, eu virei para ele e falei assim: o que eu vou conversar e o que eu tenho que questionar, não é com a minha mãe é com uma mulher que me diz como resposta, que sexo para mim tanto faz, eu vou questionar o que para ela, o que eu vou perguntar não é para minha mãe é para esta mulher, é mulher, eu estou falando com uma mulher, é prazeroso para você, olha para mim não é muito prazeroso ou para mim é muito satisfatório, eu não tinha nada que dialogar com ela, nada, porque ela não tinha nada para me dar como mulher, não como mãe, como mulher e a minha descoberta como

mulher, o meu próprio corpo, os meus prazeres, o que seria certo, quem colocou fui eu mesma, agora, eu tive que enfrentar barras e barras, eu me lembro que a primeira vez que passou a mão nos meus seios eu me senti uma prostituta, porque para mim a mulher que deixa o homem passar a mão no seio não vale nada, é uma qualquer, e para você vencer isso, e para você entender que você não é uma qualquer, que você é simplesmente uma mulher e para você entender isso, é coisa de adolescente, eu não era mais adolescente de 14-15 anos eu tinha 19 anos de idade, eu estava entrando em uma faculdade, estava cursando o primeiro ano de uma faculdade, e o cara passou a mão no meu seio e eu me senti uma prostituta, a não, comigo não, você quer fazer com as outras você faz, com as outras ele podia fazer comigo não, comigo não, porque eu era direita, até você descobrir o seu corpo, depois sentir prazer do seu próprio corpo, prá mim foi um caminho doloroso, e o que sou hoje como mulher, o prazer que eu sinto de uma relação sexual, o orgasmo que eu descobri através de uma aula de biologia, porque eu não tenho orgasmo vaginal, eu tenho orgasmo através do clitóris, mas eu sabia que eu tinha clitóris, eu não sabia que eu tinha um clitóris e eu fui descobrir isto em uma aula de biologia, sabe, você tem um clitóris e que através deste clitóris e que através deste clitóris você pode ter prazer e daí entra o teu companheiro neste sentido é que foi e é esplêndido, maravilhoso, porque apesar de toda a criação dele, fechado, ele tem todo um lado feminino, que eu tenho uma amiga minha que fala: “o grande lance dele é que gosta de mulher e quem gosta de mulher, quem aprecia mulher como um todo, quem aprecia a mulher, aprende a lidar com a mulher e aprende a lidar com o corpo da mulher”. Então essa foi a grande... foi o grande lance entre nós, fora amor, mas poderia não acontecer o clímax. Mas isto foi uma descoberta minha, só minha, e com ele porque na época não tinha com quem se dividir, se você, eu me lembro que uma vez eu peguei no quarto do meu irmão, o meu irmão e os meus amigos eram os parâmetros que eu tinha para saber o que era certo e o que era errado, eu peguei uma vez, meu irmão é um pouco mais velho que eu, um ano e oito meses, peguei na escrivinha do meu irmão um desenho de sacanagem, uma suruba, mas um desenho, não em foto e tinha mulher chupando o homem, e eu fiquei horrorizada com aquilo, aí eu esperei meu irmão chegar, aí eu falei para ele porque, meu pai e minha mãe nem pensar aí eu falei, é Mário, e ele é você que mexeu nas minhas coisas e você não tinha nada que mexer aqui e eu falei, só quero saber uma coisa, a mulher faz isso com o homem, isto acontece de verdade, ele virou para mim e disse: não, só prostituta faz isso. Daí, quando você parte para um relacionamento mais maduro e que uma pessoa quer fazer sexo oral, você fala comigo não, eu não sou prostituta, você vai fazer com uma prostituta, comigo não, comigo não pode e daí eu descobri que pode sim, que tudo é válido, que é gostoso quando simplesmente você se entrega, não há certo, não há errado, tudo é uma descoberta e, neste aspecto, ele foi ímpar e às vezes eu brinco e falo para ele: você foi

meu professor e ele fala que não, que muitas coisas nós aprendemos juntos, por que nós éramos muito jovens, eu tinha dezenove e ele tinha vinte e três anos, então, o prazer do corpo graças a Deus, foi descoberto em conjunto e foi prazeroso, foi gostoso, mas par você se livrar das culpas, para você não se achar prostituta, vulgar e que depois ele não se casaria com você, a deixa, se entrega. Nós temos um exemplo de uma amiga nossa que fala hoje com sua filha: se entrega para o seu noivo, seu namorado e eles vão dar o fora, gente, isto é muito absurdo, se você não tiver prazer com ele, vai ter com outro, e existe outra questão, a virgindade, graças a Deus eu não me casei virgem. Você vê que são resquícios da nossa geração porque eu tenho amigas que se casaram virgens e eu questiono a validade disso não é que você vai se entregar para um para outro, você está vivendo uma relação e, se você quer saber, por exemplo, eu estava a fim de dar prosseguimento aquilo, de algum dia talvez me casar, casamento também não era primordial também tem outra história. Não era lógico, um dia nós nos casaríamos, não seria na ocasião em que nós nos casamos, diga-se de passagem, na realidade houve uma antecipação toda, por pressionamento das famílias, mas por nós, nós continuávamos na mesma situação em que estávamos por uns dois anos, por que não, e outra, eu estava para me formar, para começar minha vida, e estava vamos supor, que eu já estivesse empregada com minha vida profissional, porque ele já tinha a dele de velho, eu estava entrando na faculdade e ele estava saindo, ele já estava empregado há muito tempo, quando nós nos casamos, ele já era sócio de uma firma, só que eu estava saindo da faculdade, era minha hora, era o meu vôo, o meu vôo, então, se a gente tivesse adiado nosso casamento, como na realidade a gente pretendia, eu já teria a minha vida profissional e daí, se eu ficasse grávida em um emprego, ele que assumisse a minha gravidez, e ia ter a minha licença, tudo que eu tinha direito mas eu estaria lá dentro, mas eu não estava começando meu vôo. Eu falo, tudo o que eu sou hoje como mulher eu devo a mim mesma, eu não devo a ninguém nem a minha mãe, nem a amigo, nem a ninguém, foi uma descoberta à mim e eu tenho o maior orgulho, porque eu me descobri, foi um processo difícil, doloroso, doído para mim nada foi fácil, nada foi fácil tudo que eu tive que descobrir em relação a mim mesma eu descobri sozinha, sem ninguém e eu acho que esse foi o melhor caminho também. Eu tinha uma amiga que me falou uma vez que: “você quer ser feliz”, porque tinha muitas opiniões a respeito do meu namoro, ele disse: “você quer ser feliz”, então pega uma viseira de burro, coloca assim ó, e segue em frente, porque se você olhar para os lados, você vai se perder, porque na época eu estava olhando para os lados, opinião de um, de outro, então ela disse põem uma viseira de burro e segue em frente, e foi o que eu fiz, daqui pôr diante eu sigo sozinha, eu vou pelos meus instintos, pelo que eu sou e eu ia dar com os burros n’água e tudo certo, e eu aprendi isso muito cedo, você vê que na vida de casado, pouco eu tive dentro da casa de meus pais, os pais dele, pouco eu tive, e hoje eu acho que eu

e ele estamos em um mundo tão particular que parece que tudo nós vamos resolver aqui, que tudo que a gente tem quer dar solução aqui, sabe, eu me tornei também uma pessoa muito voltada, que eu falo, que a minha família hoje sou eu, ele e meu filho, a minha família, hoje parece que meu pai, minha mãe se tornaram apêndices na minha família, mas hoje a minha família, são eles, quer dizer eu, quer em primeiro lugar o bem estar deles, nós nos distanciamos tanto eu dos meus pais é como de eu alçasse voou mesmo eu me sinto hoje muito afastada tanto dos meus pais, como ele dos pais dele, e parece que nós estamos ..., é uma coisa só nossa, é um mundo só nosso, é lógico que pôr mais que você lute contra você tem tudo isso dentro de você, você carrega toda uma bagagem cultural mas, para você viver um pouco melhor se você se individualizar, ficar um pouco mais distante disto tudo, agora a bagagem que você carrega, tanto hereditária. Eu acho minha família altamente preconceituosa, neste final de semana, só para dar um exemplo eu estava convivendo com a família dele e vieram uns comentários sobre negro na mesa que foram os piores possíveis: “a também aquele negro”, bastou ser negro, sabe é tão triste, eu graças a Deus não tenho preconceito de cor nenhuma, eu acho infelizmente que eu tenho preconceito social ainda, sabe eu tenho alguns preconceitos, por exemplo, eu tenho preconceito contra o homossexualismo e eu falo, que me espírito não está perfeito ainda, eu não tenho preconceito contra prostituta, eu convivo com ela do mesmo jeito. Um homossexual me agride, eu não gosto, acho que é um atraso e eu estou me questionando. Você tem que se questionar porque você não gosta. Eu falo que um espírito perfeito eu ainda não sou, eu acho que enquanto a gente tiver preconceitos, não está pleno. E eu vejo, na minha família, a minha mãe é racista, meu pai não, minha mãe, a família dele, meu sogro, meus cunhados, são altamente racistas e é triste você se sentar à mesa e ouvir certos tipos de comentários e pensar que eles estão julgando a cor da pele. Eu me questiono, o quê eu estou julgando: opção sexual, homem gostar do homem? Eu ainda não aceito no meu íntimo. São lutas que você trava com você mesma. Falar que fulano é isso porque “é negro”, é muito complicado. Eu cresci assim, me perguntavam com quem você estava conversando, de que família, a tal família, a é boa gente e eu pensava assim: “O menino é muito bem nascido? Eu dava uma risada na cara e perguntava: como bem nascido? De onde você tirou isso? Ele é de boa estirpe, ele é muito bem nascido, isto é um ranço que você traz com você. De repente, eu me pego hoje falando a mesma coisa para o meu filho, no fundo é a mesma coisa, na essência, é a mesma coisa. Um dia eu falei para ele sobre os problemas que eu tive com ele: “Pois é, damos o melhor de nós, pagamos um colégio de alto nível dentro de São Paulo para você conversar com a ralé...”. É isso aí! Acho que já falei demais.

ENTREVISTADORA: Obrigada pela sua excelente colaboração.

Roteiro para estudo de caso

Ler atentamente a história e assinalar no texto os trechos a que se referem às questões abaixo. Discutir em grupo e elaborar respostas às questões. Respalidar as respostas em textos bibliográficos indicados para a disciplina.

- 1) Quais as questões de gênero que o grupo identifica neste caso?
- 2) Levando em conta a categoria gênero, tente explicar porque elas ocorrem.
- 3) Quais as características da masculinidade e da feminilidade apontadas pela entrevistada em relação ao aborto, neste caso.
- 4) Quais os pontos que mais chamaram a atenção do grupo? Por que?
- 5) Como o grupo se posiciona diante da decisão da mulher entrevistada em relação ao aborto e suas justificativas para abortar?
- 6) Como o grupo se posiciona em relação às atitudes e os posicionamentos do marido?
- 7) Quais foram os sentimentos gerados no grupo em relação ao caso?

Roteiro para apresentação do trabalho

1. **Apresentação oral** - deverá ser em 15 minutos, seguidos de 15 minutos de discussão, apoiada por material de projeção
2. **Apresentação escrita:** elaborar um texto de no máximo 7 páginas contendo:
 - nome da disciplina
 - nome das alunas componentes do grupo
 - título do trabalho
 - respostas às questões, devidamente respaldadas em bibliografias
 - referências bibliográficas utilizadas.
3. Enviar o texto por e-mail, em formato .doc para o endereço eletrônico rmgfon@usp.br até o dia 10 de julho de 2014.